

PROJETO 'CAROLINAS' DA ESEBA: IDENTIDADE COLETIVA, ESCUTA SENSÍVEL E REPRESENTATIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Vanessa de Souza Ferreira Dângelo¹
Karenina Milosevic²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o projeto “Carolinas” da ESEBA, desenvolvido com uma turma do primeiro período da Educação Infantil no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Uberlândia. A proposta surgiu a partir do contato das crianças com a trajetória de Carolina Maria de Jesus, escritora negra brasileira, cuja história de vida e resistência despertou grande interesse no grupo. A pesquisa se fundamenta na Psicologia Histórico-Cultural, com base nas teorias de Vigotski, Foucault e Lélia Gonzalez, destacando a importância das influências sociais e culturais no desenvolvimento da identidade e na formação de uma consciência crítica. Inspiradas pela trajetória de Carolina Maria de Jesus, que teve sua história divulgada ao mundo por meio do encontro com o jornalista Audálio Dantas, as crianças foram convidadas a assumir o papel de jornalistas e realizarem entrevistas com mulheres que atuam no cotidiano escolar. A seleção das entrevistadas foi construída coletivamente, por meio de observações e diálogos que valorizaram os espaços significativos para as crianças e as profissionais que neles atuam. As histórias compartilhadas evidenciaram trajetórias de superação, trabalho e dedicação, estabelecendo vínculos simbólicos com a vida da escritora. O projeto culminou em uma exposição fotográfica aberta à comunidade escolar, promovendo reflexões sobre representatividade, protagonismo feminino e valorização das narrativas. A experiência evidenciou a importância de práticas pedagógicas que articulam escuta sensível, construção da identidade coletiva e o reconhecimento de histórias historicamente silenciadas. Além de fortalecer o sentimento de pertencimento das crianças da Educação Infantil, o projeto contribuiu para uma educação mais inclusiva, crítica e significativa, reafirmando o papel da escola como um espaço de memória, diálogo e transformação social.

Palavras-chave: Identidade coletiva. Representatividade. Inclusão. Carolina Maria de Jesus.

¹ Professora da área de Educação Infantil no Cap-UFU. Pesquisa sobre História da Educação e Infâncias. vanessa.dangelo@ufu.br

² Professora do Ensino Fundamental no Cap-UFU. Pesquisa sobre Filosofia, Feminismo e Relações Raciais. karenina.milosevic@ufu.br



Introdução

O objetivo deste trabalho é compartilhar o projeto *Carolinas da ESEBA*, que teve como propósito valorizar as histórias de mulheres do cotidiano escolar, promovendo, a partir da inspiração em Carolina Maria de Jesus, reflexões sobre força, resiliência e a importância das narrativas femininas na construção coletiva de saberes e identidades. A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Educação Básica (Cap-UFU), uma unidade vinculada à Universidade Federal de Uberlândia, que oferece ensino básico para a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, além de ser um campo de estágio para alunos dos cursos de licenciatura da universidade.³

O projeto teve origem em uma atividade realizada em março de 2024, quando as professoras apresentaram às crianças histórias de mulheres importantes. Nesse contexto, a turma conheceu Carolina Maria de Jesus e se encantou com sua trajetória. A partir desse interesse, a professora propôs a leitura de textos infantis inspirados em sua vida, incluindo a obra *Carolina: Carolina Maria de Jesus*, de Orlando Nilha. A história de Carolina serviu como ponto de partida para reflexões sobre a força das narrativas negras e femininas, inspirando a criação deste trabalho.

Além dessa obra, utilizamos outras fontes que contribuíram para refletir sobre a importância das referências negras na formação das crianças. A pesquisa se sustenta nas teorias do desenvolvimento infantil e da formação da identidade de Vygotsky (2007), que destacam o papel do ambiente escolar na constituição do sujeito. Também integra o referencial teórico o pensamento de Michel Foucault (2014), que problematiza como discursos e normas educacionais moldam as identidades, e de Lélia Gonzalez (2020), cujas reflexões sobre racismo e valorização das referências culturais negras são fundamentais para a construção de uma identidade coletiva inclusiva e representativa. Essa articulação teórica permite compreender de forma ampla como as práticas pedagógicas da Escola de Educação Básica (Cap-UFU) contribuem para a formação de identidades mais conscientes, diversas e comprometidas com a equidade.

A metodologia adotada para esta pesquisa foi a observação participante, que combina a imersão no ambiente escolar com a reflexão teórica. Essa abordagem permite observar diretamente as interações e dinâmicas no cotidiano da escola, especialmente as

³ ESEBA. **Escola de Educação Básica**. Disponível em: <https://eseba.ufu.br/unidades/unidade-academica/eseba>. Acesso em: 10 nov. 2024.



relações entre as crianças, os educadores e as práticas pedagógicas, e como essas influenciam a construção da identidade coletiva. A observação das práticas pedagógicas e das interações cotidianas das crianças, aliada ao referencial teórico, possibilita uma análise crítica de como os discursos e as normas escolares influenciam a construção das identidades individuais e coletivas. No contexto do projeto *Carolinas da ESEBA*, essa análise revela de que modo as crianças se apropriam, ressignificam e expressam essas influências por meio de suas falas, escolhas e reflexões sobre as histórias das mulheres da escola. Dessa forma, a metodologia une teoria e prática, enriquecendo a análise e aprofundando a compreensão sobre as dinâmicas identitárias no ambiente educacional.

Na Educação Infantil da ESEBA/UFU, a escolha do nome da turma é um momento significativo do processo de construção da identidade coletiva, realizado anualmente por meio de votação. As sugestões partem das preferências individuais das crianças, que compartilham suas ideias e as organizam em categorias como animais, cores, comidas e histórias. Em 2024, entretanto, um nome rompeu com o padrão habitual e se destacou: *Turma Carolina de Jesus*. A proposta surgiu espontaneamente de uma criança que se lembrou da história de Carolina Maria de Jesus, apresentada durante uma atividade da Semana do Dia Internacional da Mulher, em março.

Carolina Maria de Jesus, escritora e catadora de papel nascida em Sacramento (MG), registrou com sensibilidade e coragem as dificuldades da vida na favela do Canindé, em São Paulo, no livro *Quarto de despejo* (2014). A escolha de seu nome para representar a turma expressa não apenas a força simbólica dessa autora, mas também revela como as experiências e referências culturais vivenciadas na escola podem inspirar as crianças a reconhecer e valorizar histórias de resistência, identidade e pertencimento. Assim, a decisão coletiva das crianças reflete a maneira como o ambiente escolar, ao acolher suas vozes e singularidades, contribui para a formação de uma identidade coletiva crítica e representativa.

Projeto: “Carolinas” da ESEBA

A narrativa de Carolina Maria de Jesus impactou profundamente as crianças. Durante uma roda de conversa, ao serem questionadas sobre as histórias preferidas, uma delas mencionou a história de Carolina, referindo-se ao livro infantil *Carolina: Carolina Maria de Jesus*, de Orlando Nilha. A partir dessa leitura, a proposta consistiu em convidar



as crianças a se tornarem “jornalistas por um dia”, com o objetivo de investigar e reconhecer as “Carolinas” presentes no cotidiano escolar, mulheres cujas histórias de vida revelam força, resistência e contribuição para a comunidade educativa.

A atividade envolveu a realização de entrevistas e a criação de uma exposição fotográfica, que teve como objetivo não apenas destacar a trajetória de Carolina Maria de Jesus, mas também promover reflexões sobre as vivências de mulheres que atuam na escola. Por meio dessa atividade, as crianças puderam relacionar a história da escritora com as experiências das entrevistadas, compreendendo que narrativas de coragem e superação estão presentes em diferentes contextos sociais.

O projeto teve início em março, mas se estendeu ao longo de todo o ano, em consonância com as discussões promovidas pelo Dia Internacional da Mulher, e teve como foco reconhecer e valorizar a contribuição das mulheres que compõem a comunidade escolar. As entrevistadas, escolhidas coletivamente pelas crianças e pela professora, tinham idades entre 20 e 70 anos e exerciam diferentes funções na escola. Apesar das trajetórias singulares, compartilhavam elementos que as aproximavam da figura de Carolina Maria de Jesus, como a dedicação ao trabalho, a superação de desafios e o compromisso com o cuidado e a coletividade.

As escolhas das entrevistadas foram realizadas a partir de observações e diálogos com as crianças sobre os espaços da escola e as pessoas que consideravam importantes nesses contextos. Tal processo evidenciou o papel ativo das crianças na construção do conhecimento e na formação de uma consciência social crítica. O projeto, portanto, não apenas aproximou as crianças da história de Carolina Maria de Jesus, mas também possibilitou que reconhecessem o valor simbólico e afetivo das mulheres que as cercam diariamente.

Assim, o trabalho *Carolinas da ESEBA* evidenciou que as histórias de resistência e coragem não se limitam às páginas dos livros: elas se manifestam nas trajetórias de mulheres reais, cujas experiências de vida expressam força, resiliência e transformação. Ao reconhecer essas histórias, as crianças ampliaram seu repertório cultural e afetivo, compreendendo que a construção da identidade coletiva se dá também pelo reconhecimento e pela valorização das narrativas que compõem o cotidiano escolar.

O projeto *Carolinas da ESEBA* evidencia a importância de incluir figuras negras, como Carolina Maria de Jesus, na formação das identidades individuais e coletivas das



crianças no contexto escolar. Ao apresentar a escritora como referência, contrapõe-se à lógica dos textos tradicionalmente presentes nas escolas, que, como aponta Lélia Gonzalez (2020), contribuem para a invisibilização da população negra. Como a autora ressalta, “em termos de educação, por exemplo, é importante enfatizar que uma visão depreciativa dos negros é transmitida nos textos escolares e perpetuada em uma estética racista constantemente transmitida pela mídia de massa” (GONZALEZ, 2020, p. 160). Ao trazer Carolina de Jesus como referência e explorar suas narrativas por meio de atividades investigativas, as crianças puderam identificar relações entre as experiências da escritora e as vivências das mulheres da escola, promovendo reflexões sobre força, resistência e diversidade cultural.

A proposta também se fundamenta na perspectiva de Vygotsky, que afirma que o aprendizado ocorre por meio das interações sociais mediadas pela linguagem, permitindo que as crianças internalizem conhecimentos e valores culturais (VYGOTSKY, 2005; 2007). Ao dialogarem sobre as histórias de Carolina Maria de Jesus e das mulheres da escola, as crianças ampliaram sua compreensão do mundo, internalizando a diversidade cultural e construindo identidades mais inclusivas e críticas.

Por sua vez, o pensamento de Michel Foucault (2014) evidencia que os discursos não se limitam ao que é verbalizado, mas se manifestam nas práticas e relações de poder que estruturam a sociedade. No contexto escolar, estruturas implícitas, como a distribuição de funções entre profissionais, podem reproduzir hierarquias sociais e raciais. Ao reconhecer e valorizar as histórias das mulheres da escola, o projeto *Carolinas da ESEBA* proporciona um espaço para que as crianças percebam e questionem essas relações, fortalecendo a construção de identidades coletivas conscientes e promovendo maior equidade no ambiente escolar.

A escolha do nome *Turma Carolina de Jesus* evidencia o potencial das práticas pedagógicas de valorizar referências negras e narrativas de resistência no cotidiano escolar. Ao se apropriar da história de Carolina Maria de Jesus, as crianças puderam se reconhecer em trajetórias de coragem e superação, promovendo a construção de uma identidade coletiva marcada pela inclusão, respeito à diversidade e consciência social. Essa decisão demonstra como experiências educativas intencionalmente estruturadas podem ampliar a percepção das crianças sobre representatividade, fortalecendo vínculos coletivos e incentivando o protagonismo na construção de um ambiente escolar mais



equitativo e sensível às diferentes histórias que compõem a comunidade.

Referências:

ESEBA – Escola de Educação Básica da UFU. Disponível em: <https://www.eseba.ufu.br/>.

Acesso em: 9 mar. 2025.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.

24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. 1999.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Organização de Flavia Rios e Márcia Lima. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*. Disponível em:

<https://dpid.cidadeoapg.sp.gov.br/pde/arquivos/1623677495235~Quarto%20de%20Despejo%20-%20Maria%20Carolina%20de%20Jesus.pdf.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2025.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Tradução de Michel Cole et al. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Pensamento e linguagem*. Tradução de Jefferson L. Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Psicologia pedagógica*. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *Imaginação e criatividade na infância*. Trad. João Pedro Fróis. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2014.

